

## **A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E O ENSINO DE HISTÓRIA: UM CAMINHO PARA A PRÁTICA EDUCATIVA CRÍTICA.**

Alan Tassio Galdino, José Eudes Ferreira da Silva.

UEPB

allantassio@hotmail.com, eudes.story@hotmail.com

O artigo apresentado tem como intuito trabalhar o ensino de história por um viés das perspectivas freirianas, visando uma educação popular. Com objetivos de fomentar discussões a respeito de um ensino de história que pense a educação como uma prática educativa crítica, visando seu comprometimento social e seu peso na condição de emancipação humana. Aonde o ensino de história estaria intensamente ligado a este ideal de concretização crítica. Tendo o mesmo, a capacidade de desvelamento da condição que o educando sofre de *oprimido*, e o conduzindo na luta contra a realidade que o oprime e o subjugar, em busca de libertação. Como explica Paulo Freire em sua *Pedagogia do Oprimido*:

“A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na prática, com a sua realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação” (FRIERE, 2011, p.57).

Trabalhamos desta forma com uma metodologia qualitativa, pautada sobre as leituras realizadas em cima dos trabalhos de Paulo Freire, como principal fonte a *Pedagogia do Oprimido*, como também trabalhando leituras de Fernando Cerri, Thais Nivia e Dermeval Saviani, ao que se atribui nas perspectivas de ensino de história e história da Educação. Discutindo com alguns conceitos idealizados por Freire, em sua *Pedagogia do Oprimido*. Tais como a relação de *Opressor versus Oprimido e Educação bancária*.

Visamos que através da educação, e em especial o ensino de história como um eficaz meio de transmissão de um conhecimento crítico, que pretende-se formar por meio de tais conhecimentos, cidadãos críticos, cientes das condições sócias atribuídas pelo mundo em que estão inseridos. Desta forma que tenham consciência social, e que

consigam se relacionar com o mundo ao seu redor de forma crítica, ultrapassando as barreiras e dificuldades que a sociedade atual implanta na vivência de uma parcela da população, menos atribuída de condições financeiras e com menos acesso a uma educação de qualidade.

Desta forma caberá aos meios educacionais principalmente ao educador como principal vínculo mediador de conhecimento, trazer uma educação popular humanizadora que tenha uma capacidade ampliar as fronteiras, as perspectivas, os sonhos de almeja melhorias de condições de vida, que superem as atuais situações vivenciadas pelos educandos. Aonde grandes partes, destes indivíduos se encontram inscientes e alheios à condição atual que estão inseridos. Envoltos num imediatismo que a sociedade impõe, através dos meios de comunicação e pelo sistema capitalista, “do aqui e agora”.

Desta forma o educador, teria o dever de trazer a estes a consciência de que são *oprimidos*. Não com a intenção de diminuir o seus educando, mas para conscientizá-los dos meios que o oprimem. Sendo assim fundamental o papel do ensino de história, de fazer com estes alunos e alunas consigam se identificar como oprimidos, não para inferiorizá-los, como já dito. Mas sim para que no momento que se percebam como tal, possam agir para se libertarem da opressão. Tal como explica: “*somente na medida que se descubram ‘hospedeiros’ do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora*” (FREIRE;2011, p.43).

Pois a parti do momento que o individuo, no caso o educando, se percebe como oprimido pela sociedade, e se ver nesta situação, é que o mesmo pode almejar e lutar para conseguir se desvalesse dos meios de opressão.

“Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor [...] O dialogo crítico e libertador, por isto mesmo que supõe a ação, tem que ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau em que esteja a luta por sua libertação. [...]” (FREIRE, 2011, p. 72).

Entendemos assim que apenas quando o aluno ou aluna se perceba como um hospedeiro do opressor, ou seja, um indivíduo que aceita aquela opressão sem questionamentos, aonde este já teria aceitado e inserido em se uma visão fatalista, acreditando que não há mais nada para se fazer. A não ser aceita a situação que o

submetem. Veremos assim no ensino história a capacidade de trazer através do conhecimento histórico uma criticidade de mundo, uma *consciência histórica* que torne aquele educando *oprimido* capaz de ultrapassar as barreiras impostas pela *opressão* e de sua manipulação. Tendo em mente assim esta capacidade atribuída ao ensino de história:

“No que se refere à contribuição para a vida do sujeito, sua função é alargar horizontes e permitir ascensão de formas mais complexas de pensamento, além de prepara para a “autodefesa intelectual” (essa expressão é de Noam Chomsky), ou seja, ajudar no sentido de que o cidadão não seja suscetível a manipulação que o subjuguem interesses alheios” (CERRI, 2011, p.112,113).

A partir do momento que analiso e entendo as situações de opressões históricas existentes até os dias atuais. Posso correlacionar tais situações, com as situações semelhantes na nossa sociedade atual. Por exemplo, ao estudar a história da formação política brasileira, sua trajetória e fatos que fizeram dela o que é hoje. Posso entender nitidamente que a política corrupta e opressora de hoje é apenas uma herança histórica.

Veremos deste modo que quando correlaciono estes fatos utilizando o ensino da história para tal, consigo compreender as situações que me oprimem, e percebendo-as posso ultrapassá-las, pois tenho conhecimento que a mesma existe e me oprime. Mostrando-se fundamental o ensino de história para um papel de conscientização crítica do *oprimido*, assim podemos concluir: “*Viver apenas o presente tende a reproduzir a condição atual – com todas as mazelas – pela ausência de sujeitos interessados em tentar fazer as coisas de outra forma*” (CERRI, 2011, p. 116).

Fazendo assim com que através do ensino de história possa se fazer perceber a capacidade crítica dos educando para a política atual de nossa sociedade. Sua extrema relação de políticos opressores e uma população oprimida. Quando este momento se der, que o aluno se veja realmente como oprimido será que suas intencionalidades não estariam mais envoltas para mudar esta relação de opressão exercida atualmente no Brasil? Do ponto que o mesmo se veja como um agente da história com capacidades de se liberta como oprimido e liberta o opressor ao ponto que se liberta.

“A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis,

com a sua realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação” (FRIERE, 2011, p.57).

Desta forma percebemos entre processo de conscientização crítica do educando, o que é dito no pensamento de Freire como a relação de *oprimido* e *opressor*. Sendo esta uma relação dialética de forças. Aonde vemos que em todas as sociedades do decorrer da História, esta relação dialética vai estar presente em vários fatos históricos. Cabendo assim ao ensino de história relacionar estas relações de opressor e oprimido com as relações atuais em nossa sociedade. Caberia a este professor distinguir o papel de cada um destes atualmente, *opressor* e o *oprimido*. Aonde em tantas vezes estes alunos se encontram no lugar dos *oprimidos*, porém se quer percebem-se como tal.

Porém muito do que se pretende desta formação crítica irar depender do educador suas práticas de ensino seu empenho e amor pela prática libertadora da educação. Se este professor de história prática um ensino sem comprometimento, um ensino não analítico, verticalizado meramente decorativo, aonde o educador contém todo o conhecimento, e os educandos são apenas meros recipientes aonde devem ser preenchidos, pelo o conhecimento do educador. Este que não perceber em seus educandos um conhecimento já prévio, conhecimento de vida cultural, social e histórico que pode ser utilizado em favor da aprendizagem. Estaria este praticando o que pelo pensamento de Freire seria a *educação bancária*, ou seja:

A narração de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (FREIRE, 2011, p.80).

Sendo assim este ensino de história que estiveste relacionado à *educação bancária*, seria um ensino meramente decorativo, sem a capacidade de alavancar as capacidades críticas do indivíduo. Não seria um ensino capaz de fazer um indivíduo perceber as situações sócias que o rodeiam, para que assim tivesse a capacidade de crítica-las ou subvertê-las. Ao contrário este ensino de história seria apenas mais uma arma, para a manutenção da situação social ao qual nos encontramos hoje. Como um dia

já foi utilizada com uma intenção de domesticação e formação de uma identidade nacional, almejadas pelos governantes do século XIX, como também no período da Ditadura Militar.

“[...] pois cabia-lhe apresentar às crianças e aos jovens o passado glorioso da nação e os feitos dos grandes vultos da pátria. Esses eram o objetivos da historiografia comprometida com o Estado e sua produção alcançava os bancos das escolas por meio dos programas oficiais e dos livros didáticos, elaborados sobre o estreito controle dos detentores do poder [...] A afirmação das identidades nacionais e a legitimação dos poderes políticos fizeram com que a História ocupasse posição central no conjunto de disciplinas escolares” (FONSECA, 2011, p.24)

Se tal disciplina já teve dias aos quais era utilizada para a implantação de uma identidade nacional, como não utilizar a mesma voltada com um ideal de uma educação popular, conscientizada e crítica? Visando que a mesma possui esta capacidade de formação ideológica eminente das ciências humanas.

Vendo todos estes pressupostos colocados pelo pensamento de Freire a educação seria uma ação progressista libertadora, com a capacidade de muda os homens e assim os homens mudarem o mundo. Entendemos assim que o ensino de história estaria extremamente entrelaçado com este ideal de transformação, aonde o mesmo dever ter esta capacidade lucida problematizada e principalmente crítica. Cabendo ao educado professor de história através de suas praticas colabora para esta transformação social a qual pode ser submetido um indevido pelo ensino de história.

“Sua ação identificando-se, desde logo, com a dos educandos, deve orientar-se no sentido da humanização de ambos. Do pensar autêntico e não no sentido da doação, da entrega do saber sua ação deve estar infundida da profunda crença nos homens. Crença no seu poder criador” (FREIRE, 2011 p.86).

Paulo Freire acreditava capacidade, que o educador poderia ter em suas mãos, a condição de conduzir um indivíduo, a sua práxis libertadora, porém este não o faria sozinho, o educando teria que não apenas se perceber como oprimido de uma situação, mas, além disto, querer se liberta dela. Perde a crença fatalista de que: “se as coisas são como são, foi por que Deus quis assim”.

O professor de história como educado através de sua prática deve fazer isto. Abrir a estes a oportunidade que em muitas vezes é negada aos seus educandos. A oportunidade de pensar criticamente, de elaborar seu próprio pensamento. Seria assim o ensino de história, prática essencial para a formação e condução do pensamento individual de cada educando, bastando apenas ao professor educador, ter também esta consciência, de uma prática de ensino de história libertadora e não bancária. Pois ao final não será o educador que irá libertar o *oprimido* da opressão, mas o próprio *oprimido* que se liberta apenas com o auxílio do educador que o ajudar a entender sua situação social e formas de ultrapassar estas por meio da educação.

Vendo que tal trabalho requer um imenso amor pelo ato de educar como também uma mútua rigorosidade do seu próprio empenho e qualidade de sua docência. Para que a mesma seja capaz não de alienar ou fazer a manutenção da alienação, o que acarretaria no engessamento das condições de uma prática libertadora. Mas sim de um ensino de história comprometido com os educandos, forjando uma prática *humanizadora* libertária. Como o próprio Freire colocar:

“O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por alienar-lo ou mantê-lo alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificadora. É prática que implica ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.” (FREIRE, 2011 p.93).

São através destas perspectivas freirianas que nos dispomos a pensar um ensino de história crítico humanizado. Voltado à conscientização principal do alunato existente em nossa sociedade hoje. Aonde estes se mostram em muito desinteressados pela condição social e política atual que os mesmos vivem. Quantos destes mesmos jovens saíram às ruas no ano de 2013, buscando melhorias para a sociedade através de protestos, e se quer compreendiam a importância ou fins de tais movimentos? Elegendo no ano seguinte muitos dos políticos que representam a *opressão*.

Concluimos assim enfatizando a importância do nosso trabalho que visa não buscar um ensino de história de cunho esquerdista ou algo do tipo. Mas sim num ensino comprometido com a causa social e peso que o mesmo tem perante a nossa sociedade atual. Aonde entendemos a imensa importância da educação, principalmente para os

meio populares que se encontram em muito distantes de boas condições de vida. E que entendemos como os oprimidos de nossa sociedade atual.

Desta forma não esquecendo a imensa importância do educador que trabalhar como este mediador de conhecimento, trazendo aos *oprimidos* as condições de superação da opressão. E de melhorias de vida que um educando possa almejar através da educação, respeitando aquilo que o aluno traz consigo sua cultura e visão de mundo. Pontuando assim:

“[...] o educador não é aquele que traz a luz sobre os ignorantes cegos. Pelo contrario, dentro do principio freiriano, ele é uma espécie de parceiro que ajuda no processo de conscientização, não lhe cabendo em nenhum momento impor a sua própria visão de mundo.” (CERRI, 2011, p. 116).

Vermos assim como uma das repostas para almeja a conscientização daqueles que hoje entendemos como *oprimidos*, um ensino de história crítico humanizado pautado por um viés freiriano. Percebendo desta forma a imensa contribuição de tal pensamento, que se mostra através de sua trajetória, ser ainda atual e de imensa influencia nos meios educacionais. Como Dermival Savani citar em seu trabalho História das ideias pedagógicas no Brasil: “*Paulo Freire foi, com certeza, um de nossos maiores educadores, entre os poucos que lograram reconhecimento internacional. [...] é irrecusável o reconhecimento de sua coerência na luta pela educação dos deserdados e oprimidos [...]*” (SAVANI, 2013, p.335,336)

## **REFERENCIAS:**

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

DERMEVAL, Savani. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

FONSECA, Thais Nivia de Lima. **História & ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FREIRE, Paulo. **Peadagogia da Autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2010.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.